

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO -UFERSA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS - DLCH
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS LIBRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

**INCLUSÃO LINGUÍSTICA SOCIAL: COMO OUVINTES QUE TÊM LIBRAS
COMO SUA L2, ENCONTRARAM O CAMINHO PARA SUA FLUÊNCIA NO
CURSO DE LETRAS LIBRAS NA UFERSA CARAÚBAS-RN.**

**SOCIAL LINGUISTIC INCLUSION: HOW HEARING INDIVIDUALS WHO HAVE
LIBRAS AS THEIR L2 FOUND THEIR PATH TO FLUENCY IN THE LIBRAS
(BRAZILIAN SIGN LANGUAGE) LETTERS COURSE AT UFERSA CARAÚBAS-
RN.**

Andressa Rayane de Melo Praxedes¹
Francisco de Acací Viana Neto²

RESUMO

Esta pesquisa aborda a inclusão linguística social e como os ouvintes encontram o caminho para adquirir a fluência. Diante, da crescente necessidade de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por ouvintes, considerando seu reconhecimento legal como língua da comunidade surda no Brasil. Partindo do tema “Inclusão Linguística Social: como ouvintes que têm Libras como sua L2 encontraram o caminho para sua fluência”, o estudo busca analisar os percursos, estratégias e desafios enfrentados por ouvintes no processo de aquisição da Libras como segunda língua. Tem como base teórica autores como: Lacerda (1998), Gesser (2006), Gil (2002), Quadros e Karnopp (2004) e na legislação vigente (Lei nº 10.436/2002; Decreto nº 5.626/2005), a pesquisa discute a complexidade da aprendizagem de uma língua visual-espacial cuja implementação no ensino ainda ocorre de forma lenta. De abordagem qualitativa e caráter exploratório, investiga-se como os ouvintes constroem sua fluência, quais dificuldades vivenciam e como determinadas práticas pedagógicas contribuem para a efetiva inclusão linguística social de pessoas surdas. O estudo evidencia que a interação contínua com a comunidade surda e o acesso as práticas formativas consistentes são essenciais para o desenvolvimento linguístico e para a promoção de uma sociedade mais inclusiva.

¹ Graduanda do curso de Letras-Libras na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: andressa.praxedes@alunos.ufersa.edu.br;

² Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas. E-mail: acaci@ufersa.edu.br

Palavras-chave: Libras, fluência, segunda língua

ABSTRACT

This research addresses social linguistic inclusion and how hearing individuals find pathways to achieve fluency in Brazilian Sign Language (Libras). Considering the growing need for hearing people to learn Libras and its legal recognition as the official language of the Deaf community in Brazil, the study examines the theme: *“Social Linguistic Inclusion: how hearing individuals who learn Libras as their L2 found the path to fluency.”* The objective is to identify the trajectories, strategies, and challenges faced by hearing learners during the acquisition of Libras as a second language. Grounded in theoretical contributions from Lacerda (1998), Gesser (2006), Gil (2002), and Quadros and Karnopp (2004), as well as current legislation (Law 10.436/2002; Decree 5.626/2005), the research discusses the complexity of learning a visual-spatial language whose implementation in formal education remains gradual and limited. Using a qualitative and exploratory approach, the study investigates how hearing speakers develop fluency, the difficulties they encounter, and how specific pedagogical practices support effective social linguistic inclusion of Deaf individuals. The findings highlight that continuous interaction with the Deaf community and access to consistent training practices are essential for linguistic development and for promoting a more inclusive society.

Keywords: Libras, fluency, second language.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordou a inclusão linguística e a maneira como a sociedade contemporânea tem compreendido a Libras como um conhecimento necessário para promover relações mais equitativas, acessíveis e inclusivas. Considerando que a Libras é oficialmente reconhecida pela lei de nº 10.436/02 como a língua das comunidades surdas no Brasil, tornou-se indispensável que também os ouvintes se aproximassem desse sistema linguístico, conhecessem a cultura surda e participassem de práticas comunicativas que favorecessem a inclusão linguística social. Nesse contexto, muitos ouvintes passaram a buscar a Libras como uma segunda língua (L2), movidos tanto por interesses pessoais quanto por necessidades profissionais, educativas e sociais.

O processo de aprendizagem da Libras pelos ouvintes, entretanto, não ocorreu de forma simples ou imediata. O ensino e a aprendizagem da Libras como L2 ainda se encontraram em processo de construção no cenário educacional brasileiro, marcado por avanços, desafios pedagógicos e limitações institucionais. Para os surdos, esse movimento representou a expectativa pela garantia de um direito linguístico historicamente negado; para os ouvintes, representou a oportunidade de desenvolver uma competência comunicativa que

possibilitasse interações mais igualitárias e a eliminação de barreiras comunicacionais presentes em diferentes espaços sociais.

O tema desta pesquisa, “Inclusão linguística social: caminhos de ouvintes para a fluência em Libras como L2”, surgiu da necessidade de compreender, a partir do relato direto de ouvintes já fluentes na língua, quais trajetórias percorreram, quais experiências marcaram seu aprendizado e quais estratégias contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da fluência. Com o dia a dia na universidade e em contato com os colegas de curso o interesse por essa temática se ampliou cada vez mais. Assim, a questão-problema que norteou este estudo foi: Como os ouvintes encontraram estratégias para aprender Libras como L2 e alcançar a fluência? A investigação buscou entender os caminhos trilhados, as metodologias vivenciadas, as práticas pedagógicas acessadas e as dificuldades enfrentadas ao longo desse percurso.

As línguas de sinais, durante muito tempo, foram equivocadamente interpretadas como meros gestos, mímicas ou formas rudimentares de comunicação. Pesquisas linguísticas contemporâneas demonstraram, entretanto, que as línguas de sinais são línguas naturais, dotadas de gramática própria, com níveis fonológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos complexos, equivalentes aos das línguas orais. Quadros e Karnopp (2004) destacaram que a principal diferença entre línguas de sinais e línguas orais está na simultaneidade da organização de seus elementos, uma vez que os sinais são articulados visualmente, por meio de parâmetros que, isoladamente, não possuem significado, mas que, combinados, constituem unidades linguísticas expressivas e estruturadas.

Aprender uma segunda língua, sobretudo quando essa língua pertence a uma modalidade distinta da oral-auditiva, apresenta desafios particulares. A Libras, por ser visual-espacial, exige atenção a aspectos como configuração de mão, ponto de articulação, orientação, movimento e expressão facial/corporal. Além disso, embora a população surda tenha avançado no reconhecimento e luta por seus direitos linguísticos, o ensino da Libras aos ouvintes ainda ocorre de forma desigual, fragmentada e, muitas vezes, tardia. Os surdos, por sua vez, continuam vivendo diariamente em ambientes majoritariamente dominados pela Língua Portuguesa, o que reforça a urgência de que mais ouvintes aprendam Libras e contribuam para relações mais igualitárias.

Diante desse cenário, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar os caminhos percorridos pelos ouvintes para aprender Libras como sua L2. Como objetivos específicos, buscou-se: (1) investigar como os ouvintes processaram a aquisição linguística da Libras, desde o nível básico até a fluência; (2) compreender as principais dificuldades e

possibilidades encontradas ao longo desse processo; e (3) refletir sobre práticas pedagógicas voltadas ao ensino de Libras como L2 e sua relação com a inclusão linguística dos surdos na sociedade.

A pesquisa apresentou natureza qualitativa e caráter exploratório, permitindo analisar as narrativas dos participantes e aprofundar a compreensão sobre suas experiências individuais de aprendizagem. Para fundamentar teoricamente a discussão, foram utilizados autores como Lacerda (1998), Quadros e Karnopp (2004), bem como documentos legais fundamentais, como a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, que reconheceram e regulamentaram a Libras no território nacional.

Diante da necessidade de convívio social inclusivo e da diminuição da dependência exclusiva de intérpretes, aprender Libras tornou-se uma demonstração de empatia, respeito e compromisso com a diversidade linguística. A presente pesquisa foi organizada em quatro seções principais: a fundamentação teórica, que discorre sobre o histórico da educação de surdos, a inclusão linguística e a aprendizagem da Libras como L2; a metodologia; os resultados e discussões; e, por fim, as considerações finais e referências.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.A educação de Surdos no Brasil

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui a língua natural e oficial das comunidades surdas brasileiras, sendo reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. A legislação estabelece a Libras como meio legítimo de comunicação e expressão e assegura sua difusão e utilização em instituições públicas e serviços prestados à população surda. O artigo 1º da referida lei define a Libras como um sistema linguístico de natureza visual-motora, dotado de estrutura gramatical própria e capaz de expressar ideias, conceitos e fatos, consolidando seu status de língua plena e autônoma.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e por empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio

de comunicação objetiva e de utilização corrente pelas comunidades surdas do Brasil. (Brasil, 2002).

Dessa maneira, considera-se a Libras uma língua como qualquer outra, com estrutura gramatical própria, literatura e comunidade de usuários fluentes. Para Lacerda (1998), a língua de sinais constitui a língua natural das pessoas surdas e funciona como um veículo para o desenvolvimento do pensamento, não sendo a linguagem entendida como mera técnica, mas como condição para o desenvolvimento humano.

No Brasil, o ensino formal para surdos teve início com a chegada do educador francês Ernest Huet, que, a convite do imperador Dom Pedro II, fundou em 1857 o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A proposta de Huet, fortemente influenciada pela tradição francesa, introduziu no país o uso da língua de sinais, inclusive com semelhanças no alfabeto manual.

Atualmente, a educação de surdos no Brasil fundamenta-se no modelo bilíngue, no qual a Libras é reconhecida como língua materna para pessoas surdas, e a Língua Portuguesa, preferencialmente em modalidade escrita, como segunda língua. De acordo com Strobel (2008), o bilinguismo é a abordagem mais adequada para o desenvolvimento linguístico e cognitivo de estudantes surdos, pois respeita sua diferença linguística e garante acesso ao conhecimento por meio de sua primeira língua.

Com o avanço das pesquisas linguísticas, especialmente após os estudos de Stokoe e, no Brasil, de Quadros e Karnopp (2004), consolidou-se o entendimento de que as línguas de sinais possuem gramática própria e todos os níveis estruturais das línguas naturais. Assim, a surdez passa a ser compreendida não como deficiência a ser corrigida, mas como diferença cultural e linguística.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe, e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 30).

Diante disso, observa-se que a educação de surdos no Brasil percorreu um longo caminho histórico, marcado por disputas políticas, transformações pedagógicas e mobilizações da comunidade surda. O reconhecimento legal da Libras e a consolidação da educação bilíngue representam passos fundamentais para garantir autonomia, acesso ao conhecimento e participação plena das pessoas surdas na sociedade.

2.2. Inclusão na esfera linguística de surdos

A inclusão, quando pensada sob a perspectiva linguística, envolve reconhecer e naturalizar a presença das pessoas surdas em todos os ambientes sociais. Esse processo implica criar espaços de convivência, troca e crescimento, reduzindo o distanciamento historicamente imposto às pessoas surdas em locais majoritariamente ocupados por ouvintes. Assim, incluir significa compreender que todos têm direito à educação, à comunicação e à participação social, independentemente de suas condições sensoriais. Além disso, tal processo demanda também a formação adequada dos profissionais que atuarão com esse público, para que a inclusão aconteça de forma efetiva.

Nesse sentido, Magalhães et al. (2011) ampliam a compreensão de inclusão ao afirmar que ela não beneficia apenas quem apresenta alguma deficiência, mas também todos os estudantes que, por diversos fatores, acabam vivenciando dificuldades no processo educacional. Em citação direta, os autores destacam:

A inclusão pode beneficiar não somente alunos que apresentem algum tipo de deficiência, mas alunos que não são ‘enquadrados’ como deficientes, mas sofrem os efeitos de um processo de ensino-aprendizagem que ocasionam seu fracasso escolar, por exemplo. (Magalhães et al, 2011, p. 22)

Percebe-se que a inclusão, portanto, é um conceito amplo, que busca modificar estruturas sociais e educacionais, promovendo a participação de todos. No caso da Comunidade Surda, a barreira central a ser superada é a comunicação. A ausência de acessibilidade linguística — seja pela falta de intérpretes, ausência de profissionais bilíngues ou desconhecimento da Libras pela população — reforça exclusões e limita o acesso dos surdos aos espaços sociais. Assim, a inclusão linguística não é apenas desejável, mas essencial, pois garante às pessoas surdas o direito de se comunicar, de serem compreendidas e de participar ativamente da sociedade.

A luta histórica da Comunidade Surda por melhores condições de vida, acessibilidade e reconhecimento evidencia a necessidade de discutir não apenas as políticas públicas voltadas para esse grupo, mas também o compromisso social daqueles que convivem e interagem com pessoas surdas. Instituições de saúde, educação, serviços públicos, ambientes de trabalho e famílias precisam assumir responsabilidade nesse processo. Freire (2008) reforça essa compreensão ao afirmar:

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma

consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. (Freire, 2008, p. 5)

Dessa forma, incluir a pessoa surda não se limita a inserir intérpretes ou permitir sua presença nos espaços, mas envolve transformar práticas sociais, reconhecer diferenças linguísticas e garantir condições reais de comunicação. Isso significa assegurar que a Libras esteja presente em ambientes educacionais, culturais, jurídicos e institucionais, seja por meio de intérpretes ou de profissionais proficientes na língua.

Além disso, compreender as políticas públicas voltadas à inclusão ajuda a entender como a sociedade tem se organizado para garantir direitos sociais e linguísticos. Sob essa perspectiva, Lopes e Fabris (2013) explicam:

[...] as políticas de inclusão em geral, bem como as de inclusão escolar, funcionam como potentes estratégias biopolíticas, que buscam garantir a segurança das populações, por meio da diminuição do risco social. Em outras palavras, estar seguro na sociedade e na escola para que processos que afetam a sociedade não aconteçam ou ao menos sejam previstos e seus efeitos minimizados (Lopes; Fabris, 2013, p. 82)

Com base nessas reflexões, entende-se que a inclusão linguística da pessoa surda ultrapassa a dimensão escolar, alcançando toda a estrutura social. Assim, torna-se indispensável que a sociedade ouvinte reconheça seu papel ativo e adote práticas que valorizem a diversidade linguística, assegurando o direito à comunicação em todos os ambientes. A Libras, enquanto língua natural da Comunidade Surda, deve ser reconhecida e respeitada, garantindo acesso pleno à cidadania e favorecendo a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e verdadeiramente inclusiva.

2.3. A importância e aprendizagem de Libras como segunda língua para ouvintes

A inclusão linguística da pessoa surda depende, inevitavelmente, da participação ativa da sociedade ouvinte. Para que o diálogo aconteça de forma efetiva, é necessário que os ouvintes se aproximem da Língua Brasileira de Sinais (Libras), ampliando não apenas sua competência comunicativa, mas também sua compreensão sobre a cultura e identidade surda. Esse processo envolve empatia, sensibilidade e a disposição para desconstruir preconceitos

históricos e concepções capacitistas³ que, por muito tempo, marcaram a relação entre surdos e ouvintes no Brasil.

O ensino de Libras como segunda língua (L2) para ouvintes representa, portanto, uma das estratégias mais relevantes para promover inclusão e equidade em espaços sociais, educacionais e profissionais. Quanto mais pessoas ouvintes dominam a Libras, maiores são as possibilidades de participação plena do surdo em sociedade. Nesse sentido, o aprendizado da língua de sinais se torna um instrumento essencial para superar barreiras comunicacionais historicamente impostas às pessoas surdas.

Dizeu e Caporali (2005) enfatizam a importância desse movimento ao afirmar:

Não se pode mais negar aos surdos o direito de serem parte integrante e participativa de nossa sociedade. Além disso, para que o surdo possa desenvolver-se, não basta apenas permitir que use sua língua, é preciso também promover a integração com sua cultura, para que se identifique e possa utilizar efetivamente a língua de sinais (Dizeu; Caporali, 2005).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a aprendizagem de Libras por ouvintes não beneficia apenas a comunidade surda, mas também fortalece relações sociais mais igualitárias. Quando ouvintes tornam-se usuários fluentes da língua de sinais, ampliam-se os espaços de participação, diminuem-se situações de isolamento e constrói-se uma sociedade que reconhece a diversidade linguística como parte de sua estrutura social.

De modo geral, a fluência em Libras traz benefícios mútuos: os surdos passam a ter mais oportunidades de comunicação e interação, enquanto os ouvintes desenvolvem novas habilidades comunicativas e socioculturais, reforçando a convivência inclusiva. Dizeu e Caporali (2005) retomam essa ideia ao afirmar que:

O ensino da LIBRAS para ouvintes significa dar ao surdo mais possibilidades de comunicação, mais oportunidades de interagir em seu meio, mais probabilidades de aceitação no mercado de trabalho, pois, por intermédio de uma vivência ativa com a comunidade, ele poderá apropriar-se de sua cultura e de sua história, e formar sua identidade (Dizeu; Caporali, 2005)

Para o ouvinte, entretanto, aprender Libras como L2 é um processo desafiador. A língua pertence a uma modalidade visual-espacial, e seu domínio envolve muito mais que a

³ Considerada uma das mais recorrentes formas de preconceito contra pessoas com deficiência, o capacitismo é a discriminação ocorrida por meio de determinados tratamentos, formas de comunicação, práticas, barreiras físicas e arquitetônicas que impedem o pleno exercício da cidadania dessas pessoas.

memorização de sinais: exige compreender sua gramática própria, sua simultaneidade, o uso do corpo, do espaço e das expressões faciais. Significa, sobretudo, adentrar a cultura surda, compreendendo seus valores, modos de ser e formas de significar o mundo.

Oliveira (2005, p. 4) contribui para essa discussão ao afirmar: “As Línguas de Sinais são ágrafas, portanto o Surdo ‘fala’ sim, uma língua gestual de modalidade visual, mesmo quando não vocaliza por motivos físicos ou políticos não deseja falar para reafirmar sua identidade”. (Oliveira, 2005, p. 4) Esse reconhecimento torna evidente a importância de valorizar a Libras como uma língua legítima, afastando interpretações equivocadas que, historicamente, reduziram-na a gestualismos ou mímicas.

Ao aprender Libras, o ouvinte entra em contato com um novo sistema linguístico que exige habilidades perceptivo-motoras distintas. A interferência da língua materna — no caso, o português, é comum e marca as primeiras etapas da aquisição. Gesser (2006, p. 132) explica que: “é típico que o aluno, no início do aprendizado de uma nova língua, se baseie na sua primeira língua, e as transferências, misturas e alternâncias linguísticas são comuns”. (Gesser, 2006, p. 132) Essa interferência mostra que a aprendizagem de uma L2 não ocorre de maneira linear ou imediata. Pelo contrário, trata-se de um percurso gradual, no qual o aprendiz constrói novos significados, a partir de sua experiência social, cognitiva e cultural.

Sob a perspectiva sociocultural de Vygotsky, a aprendizagem de uma segunda língua depende fundamentalmente das interações humanas. Ao participar de práticas sociais em que a Libras circula, o aprendiz internaliza novos sentidos e amplia suas capacidades comunicativas. Ferreira (2010) reforça esse entendimento ao afirmar que a aquisição de uma L2 não pode ser desvinculada da história do sujeito, de sua identidade e de seus modos de interação com o outro.

De acordo com Ferreira (2010), em suas palavras: Interação gera mais negociação de sentidos [...] mais insumo compreensível [...] mais aquisição.

Dessa forma, para que ouvintes alcancem fluência em Libras, é indispensável o contato frequente com pessoas surdas, com ambientes bilíngues e com situações reais de comunicação. A exposição constante à língua, seja por meio de diálogos, atividades em comunidade, participação em eventos surdos ou consumo de conteúdos audiovisuais em Libras, permite que o aprendiz desenvolva autonomia e segurança na interação.

Por isso, aprender Libras como L2 envolve muito mais que um curso formal: exige convivência, prática, observação, imersão e respeito. O aprendiz precisa compreender que está inserido em um universo linguístico que reflete história, identidade e resistência de um povo. Assim, alcançar fluência significa aproximar-se da comunidade surda de maneira ética e

consciente.

Diante do exposto, entende-se que o aprendizado da Libras pelos ouvintes é um caminho fundamental para promover a inclusão linguística e social, ampliando o respeito, a comunicação e a participação de surdos e ouvintes em uma sociedade verdadeiramente plural.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como **qualitativa**, de natureza **descritiva**, pois busca compreender as percepções, experiências e significados atribuídos por ouvintes que aprenderam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua ao longo de sua formação acadêmica. A abordagem qualitativa é apropriada para investigar fenômenos subjetivos e socioculturais, permitindo interpretar trajetórias pessoais, estratégias de aprendizagem e processos identitários que emergem do contato prolongado com a Libras. De acordo com Minayo (2001), esse tipo de abordagem possibilita aprofundar aspectos que não podem ser quantificados, mas que são essenciais para compreender práticas humanas complexas.

O **lócus da pesquisa** compreende a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), especificamente o curso de Letras-Libras, onde se formaram os participantes selecionados. A instituição foi escolhida por possuir um curso consolidado com duração de 05 anos na área de línguas de sinais, com propostas pedagógicas bilíngues e metodologias que favorecem o desenvolvimento linguístico, cultural e identitário dos estudantes. Esse lócus permite observar como a formação acadêmica contribui para a fluência e para a construção de sentidos acerca da inclusão linguística de pessoas surdas.

Os **sujeitos da pesquisa** são 02 participantes ouvintes **já formados** no curso de Letras-Libras da UFERSA. A escolha por profissionais egressos justifica-se pela necessidade de compreender como o processo formativo contribuiu para a aquisição da Libras como L2, quais desafios foram enfrentados e como essas experiências influenciaram sua atuação profissional e sua relação com a comunidade surda. Os participantes foram selecionados por meio de convite direcionado aos ex-alunos, respeitando critérios como: ser ouvinte, ter concluído o curso e aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

Quanto aos **instrumentos de coleta de dados**, foram utilizados dois procedimentos complementares. O primeiro foi um **questionário semiestruturado**, composto por perguntas abertas que abordaram trajetórias de aprendizagem, percepções sobre a fluência, dificuldades enfrentadas e contribuições pessoais e profissionais proporcionadas pela formação em Libras. Por permitir respostas amplas e reflexivas, esse instrumento enriquece a compreensão das

experiências individuais. O segundo instrumento consistiu em uma **entrevista narrativa**, realizada com alguns participantes selecionados. Essa técnica possibilitou aprofundar relatos, acessar memórias e captar nuances subjetivas do processo de aquisição da Libras. As entrevistas foram gravadas, mediante consentimento, e posteriormente transcritas para análise.

A combinação desses instrumentos favoreceu uma compreensão mais ampla e consistente sobre o processo de aprendizagem da Libras por ouvintes, permitindo analisar não apenas aspectos linguísticos, mas também implicações culturais, identitárias e sociais que permeiam a formação em Letras-Libras.

4. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para garantir o anonimato e a confidencialidade das participantes da pesquisa, optou-se pela utilização de nomes fictícios, conforme orientam os princípios éticos em estudos que envolvem seres humanos. Assim, as duas egressas do curso de Letras-Libras que contribuíram com seus relatos foram identificadas como **Ana** e **Maria**, nomes escolhidos por serem comuns na região e, portanto, adequados para resguardar suas identidades sem comprometer a compreensão da análise.

Além disso, a adoção de nomes fictícios assegura que as informações compartilhadas sejam tratadas com respeito, sigilo e responsabilidade, evitando qualquer possibilidade de reconhecimento das participantes em seus ambientes acadêmicos, profissionais ou sociais. Essa medida é especialmente importante em pesquisas que abordam trajetórias pessoais, sentimentos, desafios e experiências formativas, como é o caso do presente estudo.

A seguir, apresenta-se a **Tabela 1**, que organiza de maneira clara e sistematizada as perguntas aplicadas às participantes e as respostas fornecidas por cada uma delas. A tabela tem a finalidade de oferecer uma visão geral dos relatos, facilitando a comparação entre as experiências narradas por Ana e Maria e permitindo identificar pontos de convergência e singularidades presentes em suas histórias de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. Essa estrutura também contribui para subsidiar a discussão analítica posterior, uma vez que torna mais objetiva a visualização dos elementos centrais relatados por cada participante.

Observação balão de comentário

Perguntas	Ana	Maria
1- Qual o seu primeiro	Meu primeiro contato foi	Meu primeiro contato foi

contato com a Libras? a quanto tempo você sabe Libras?	na UFERSA Caraúbas e tem aproximadamente 6 ou 7 anos que sei Libras. Comecei no curso de C&T e depois troquei para Letras Libras e aprendi a língua.	em 2015 na UERN em Mossoró disciplina de Libras optativa, ao todo são dez anos do primeiro contato para os dias de hoje e tenho contato frequente por oitos anos.
2- Como você se sentiu motivado a aprender Libras?	Em contato com os meus amigos, eles me motivaram a aprender Libras e me comunicar.	A motivação surgiu quando em 2017 tive duas alunas surdas.
3- No seu processo de aprendizagem, foi fácil, difícil? Lembra dos sentimentos enquanto aprendia? E quanto motivação para aprender?	O contato com a comunidade surda me ajudou a desenvolver o meu aprendizado na Libras, não somente na sala de aula, mas fora dela mantive o contato e assim fui me tornando fluente, no início recordo que sentia medo de conversar com os surdos, mas depois as coisa fluiu naturalmente com o apoio e motivação dos colegas surdos.	Foi um processo natural e rápido, com um mês meu nível de conversação era excelente, logo estar em contato contínuo com surdos me ajudou muito. Eles estavam no meu dia a dia, no trabalho, na faculdade e nos demais espaços. Isso porque éramos amigos, do mesmo ciclo. Mas fácil não foi, para sair do nível de iniciante eu estudei bastante e consumia muitos conteúdos nas redes sociais que me ajudaram na aprendizagem de novos sinais e estratégias de sinalização.

4- Quais cursos você fez? Quais cursos que mais gostou de fazer? elas priorizavam a Libras ou era mais bilíngue? Você gostava da metodologia?	Eu fiz cursos de extensão na UFERSA, de nível básico, intermediário e avançado. Esses cursos me ajudaram na memorização dos sinais e prática que me contemplava e priorizava a Libras.	Eu fiz o curso de graduação em Letras Libras que durou 5 anos, mas nunca fiz nenhum curso básico de Libras. A graduação foi voltada aos métodos para ensino e aquisição da Libras.
5- Como é o seu contato com pessoas surdas? Elas estavam presentes no seu processo de aprendizagem?	O contato era diariamente, pois em minha sala tinha 4 alunos surdos e nós estávamos sempre juntos nos ajudando nas atividades. Por um período eu fui bolsista de acessibilidade o que me auxiliou a ter bastante experiência e contato.	Meu contato é diário, trabalho como intérprete de Libras de segunda a sexta e no final de semana costumo sair com meus amigos surdos e ouvintes. Então é uma presença/contato que se tornou natural e esse contato foi fundamental para o meu progresso pessoal e profissional.

A análise dos relatos evidencia que ambas as participantes tiveram o primeiro contato com a Libras no ambiente universitário. Ana iniciou seu processo de aprendizagem na UFERSA – Campus Caraúbas, quando ainda cursava Ciência e Tecnologia, migrando posteriormente para Letras-Libras, o que contribuiu para aprofundar seu envolvimento com a língua. Já Maria teve seu primeiro contato na UERN, em uma disciplina optativa de Libras ofertada em 2015. Esse momento inicial foi determinante para que, anos mais tarde, sua trajetória profissional se conectasse profundamente à Libras e à comunidade surda.

O tempo de experiência linguística das participantes, variando entre seis e dez anos, demonstra que a fluência em Libras não surge de forma isolada ou rápida, mas é construída por meio de vivências contínuas, práticas, sociais e profissionais. Esse dado dialoga com pesquisas que evidenciam o papel das instituições de ensino superior na difusão da Libras e na formação de profissionais ouvintes que atuam com a língua e com a comunidade surda. Assim, a universidade aparece como um espaço privilegiado tanto para o primeiro contato quanto para a consolidação de experiências bilíngues.

No que diz respeito à motivação para aprender Libras, observa-se que, em ambos os casos, ela é marcada por situações reais de convivência e necessidade comunicativa. Para Ana, o interesse emergiu do vínculo afetivo e social com amigos surdos. A convivência diária despertou não apenas curiosidade, mas também responsabilidade comunicativa, levando-a a buscar conhecimento formal. Já Maria relata que sua motivação surgiu no ambiente de trabalho, quando recebeu duas alunas surdas e precisou estabelecer uma comunicação eficaz. A situação revela como a presença de sujeitos surdos em espaços educacionais gera demandas que impulsionam ouvintes a aprender a língua, reforçando a dimensão prática e relacional do processo motivacional.

As duas participantes relatam que, embora o processo de aprendizagem tenha ocorrido de maneira natural, ele também foi permeado por desafios emocionais e cognitivos. Ana revela que, no início, sentia medo ao interagir com surdos. Esse sentimento é comum entre aprendizes de segunda língua, especialmente em contextos de línguas visuais-espaciais, nas quais o corpo, a expressão e a postura comunicativa desempenham papel central. Entretanto, o apoio dos colegas surdos funcionou como fator facilitador, promovendo um ambiente seguro para a prática.

Maria, por outro lado, descreve uma evolução considerada rápida, alcançando bom nível de conversação em cerca de um mês. Contudo, ela enfatiza que sua progressão não ocorreu sem esforço: estudou intensamente, buscou conteúdos nas redes sociais e manteve convivência contínua com surdos no trabalho, na universidade e na vida social. Esses dados destacam a importância de múltiplas fontes de aprendizagem formais e informais no desenvolvimento da proficiência em Libras.

A convivência frequente com pessoas surdas é um ponto central nos relatos. Ana convivia diariamente com quatro colegas surdos e ainda atuou como bolsista de acessibilidade, o que ampliou seu repertório linguístico e cultural. Maria, como intérprete de Libras, mantém contato diário com usuários da língua, e sua rede de amizades inclui membros da comunidade surda, o que reforça a vivência natural e constante com a língua de sinais.

Esses elementos confirmam que a fluência está diretamente associada ao contato prolongado, significativo e socialmente situado.

Dessa forma, os resultados revelam que a aprendizagem da Libras como segunda língua, no caso das participantes, é atravessada por fatores sociais, afetivos e profissionais. O convívio com a comunidade surda não apenas facilitou o aprendizado linguístico, mas contribuiu para a construção identitária e a formação profissional de ambas, demonstrando que conhecer Libras é mais do que adquirir uma língua: é adentrar um universo cultural, político e social específico.

Assim, conclui-se que a melhor estratégia para o desenvolvimento de fluência em uma língua de sinais, assim como em qualquer língua, é a exposição contínua, a interação real e o envolvimento comunitário. As trajetórias de Ana e Maria ilustram como a aprendizagem significativa da Libras acontece em movimento constante entre a sala de aula, os espaços sociais e as relações interpessoais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou que a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por pessoas ouvintes é um caminho possível, porém desafiador, que exige não apenas o domínio linguístico, mas também o envolvimento com a cultura surda e a convivência direta com a comunidade sinalizante. Os objetivos dessa pesquisa foram alcançados tendo em vista que o objetivo geral dessa pesquisa foi, analisar os caminhos percorridos pelos ouvintes para aprender Libras como sua L2 e essa análise ocorreu por meio das falas dos colaboradores, que foram fundamentais para embasar uma discussão nessa pesquisa.

A partir dos relatos das colaboradoras Ana e Maria, foi possível compreender que o contato frequente com pessoas surdas, a vivência em ambientes bilíngues e o acesso a espaços formativos, como a universidade, foram fatores decisivos para o desenvolvimento da fluência em Libras como segunda língua.

Observou-se que a motivação pessoal, aliada às experiências acadêmicas e profissionais, foi essencial para que as participantes superassem o medo inicial, a insegurança e as interferências do português durante o processo de aprendizagem. Além disso, os dados revelaram que a fluência em Libras não ocorre apenas em sala de aula, mas se fortalece principalmente por meio da interação cotidiana, da prática constante e da participação em espaços onde a Libras é utilizada de forma natural.

Nesse sentido, compreende-se que a verdadeira inclusão linguística não depende apenas de legislações, mas do compromisso da sociedade ouvinte em reconhecer a Libras como uma língua legítima e em se engajar ativamente no processo de aprendizagem. Quando ouvintes se disponibilizam a aprender Libras, contribuem para a redução das barreiras comunicacionais, promovendo o respeito à diversidade linguística e fortalecendo a participação social da comunidade surda.

Portanto, conclui-se que aprender Libras como L2 é um ato de empatia, responsabilidade social e compromisso com a equidade. Que este estudo possa incentivar outras pessoas ouvintes a se aproximarem da Libras e da cultura surda, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e acessível para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

GESSER, A. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais.** Tese de doutorado. Campinas: Unicamp. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **A comunidade surda: perfil, barreiras e caminhos promissores no processo de ensino-aprendizagem em matemática.** 2005. Dissertação de Mestrado. CEFET-RJ.

PEREIRA, Adriana Soares et al. **Metodologia da pesquisa científica.** Brasil, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito and CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educ. Soc. [online]. 2005, vol.26, n.91, pp.583-597. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200014>

LACERDA, Cristina. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Caderno CEDES, ISSN, v. 19, n. 46, p. 68-80, mar. 1998. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621998000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 02 abr. 2018.

MEDEIROS, Daniela; GRÄFF; Patrícia. BILINGUISMO: UMA PROPOSTA PARA SURDOS E OUVINTES. REI – **Revista de Educação de Ideau. Vol. 7 – Nº 16 - Julho - Dezembro** 2012. Disponível em: . Acesso em: 17 de agosto de 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. Ideias para ensinar português para alunos surdos / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília: MEC, SEESP, 2004.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC. ed.2015 – ed. 2008.